



HIP HOP: UM OLHAR EMANCIPATÓRIO SOBRE A EDUCAÇÃO EM MUSEUS

Fernanda Martins¹

RESUMO: O presente artigo pretende analisar como o *Hip Hop*, enquanto uma atividade educativa, um movimento que tem um dos seus alicerces o conhecimento, pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem no interior de espaços de tradições e de reprodução de uma estética dominante, como os museus. Fortalecendo assim, os caminhos que visam uma educação autônoma na construção de uma emancipação humana.

PALAVRAS-CHAVE: *Hip Hop*; conhecimento; educação; autonomia.

ABSTRACT: This article aims to analyze how Hip Hop, as an educational activity, a movement that has one of its foundations knowledge, can contribute to the process of teaching / learning within spaces of traditions and reproduction of an aesthetics Dominant, such as museums. Thus strengthening, the paths that aim at an autonomous education in the construction of a human emancipation.

KEYWORDS: Hip Hop; knowledge; education; autonomy.

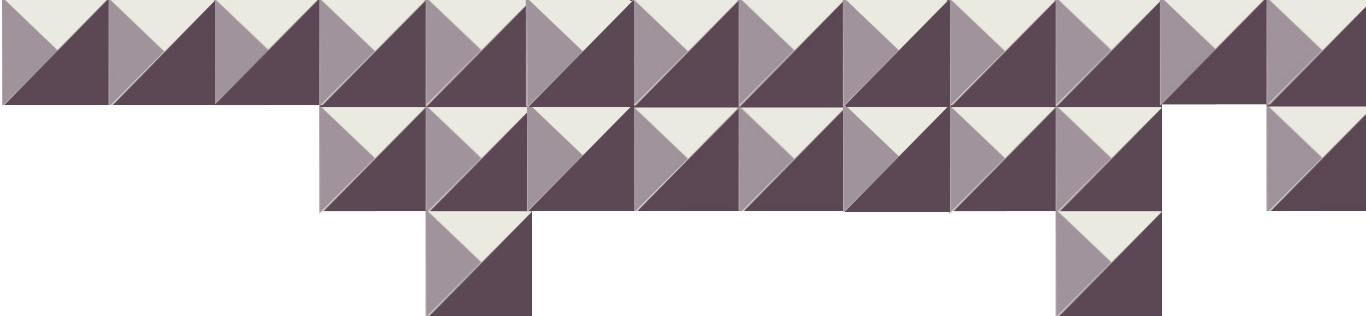
1 Mestre em Educação Profissional em Saúde. Professora e Pesquisadora, nas áreas de saúde, educação, cultura e identidade, visando o debate sobre racismo e sociedade e na contribuição para uma educação emancipadora.
Email: fernanda.martins.pesquisa@gmail.com



Figura 01: The writing's on the wall! Fonte: <http://blackexplainer.com/thieves-take-hip-hop-south-bronx/>

INTRODUÇÃO

O *Hip Hop* é considerado um dos movimentos culturais de maior abrangência mundial, cuja sua origem remota aos anos de 1960 nos Estados Unidos da América, mais especificamente no bairro do Bronx. O presente trabalho não pretende somente discutir a gênese da cultura do *Hip Hop*, e sim, analisar como sua base de concepção e o seu processo histórico fez com que esse movimento, que ora chamamos de contracultura por se estabelecer em oposição dialética as culturas elitistas dominantes que



existiam na época e ainda se fazem presentes, se torna peça fundamental no processo de educação.

Educação essa que, infelizmente, ainda não observamos em grande parte de nossas escolas e instituições educativas, na qual o ensino, embora carregados de intensas disputas e tensões por parte de alguns educadores em pensadores em prol de uma educação de qualidade e universal, apresenta-se em grande parte carregado de opressão e mantenedor do *status quo*. Sob a luz dos estudos de Paulo Freire, pretende-se refletir como uma educação emancipadora, onde os oprimidos historicamente, socialmente e culturalmente possam ecoar a sua voz e a partir do seu olhar e vivência, possam contribuir para uma troca de conhecimento mais libertador.

Iniciaremos o artigo fazendo uma recuperação histórica do surgimento do *Hip Hop*, a raiz desse movimento, os elementos que o constitui e que contribuíram para que ele pudesse alcançar tamanha inserção mundial. Discutiremos como o *Hip Hop*, enquanto fonte de conhecimento, pode se estabelecer como uma pedagogia crítica, na construção de uma educação emancipadora.

Por fim, apontaremos algumas ações que foram desenvolvidas dentro das instituições educativas, aliando a cultura do *Hip Hop*, o conhecimento e o ensino.

Aprofundaremos a nossa visão a partir do evento denominado “Batalha do Conhecimento”, que se estabeleceu durante os anos de 2014 e 2015 no Museu de Arte do Rio (MAR), na cidade do Rio de Janeiro. No qual utilizamos a estratégia metodológica das entrevistas, aplicadas com os produtores dos eventos e funcionários dos museus.



ORIGEM, HISTÓRIA E CARACTERÍSTICAS DO HIP HOP

“Do ano 2000 pra frente
Homens do passado pensando no futuro, vivendo no presente
Há três tipos de gente
Os que imaginam o que acontece
Os que não sabem o que acontece
E nós que faz acontecer
O bolo, guacê
Unidos a gente fica em pé
Dividido a gente cai
Quem falha cai
Um biribaibaibai
A colaboração do som é a carta na mesa Aqui
rima: Black Alien, Sandrão, Helião, Sabotage
À vontade na balada desde ontem à tarde
Habilidade é o Álibi
No beat, Ganjaman, Zé Gonzales
Quem tá no erro sabe
Cocaína no avião da FAB
Ninguém vai deter o poder
O crime, de lá crime de Niterói-SP
PHD em THC no país de FHC
Dream Team da rima, essa união me dá alta estima
Mestre das armas do microfone à esgrima
Vê se me entende, o estudante aprende
O professor ensina
O verbo que fortalece como vitamina
Contamina, na nova velha escola
Como o vírus ebola
Beach (rebola)”²

2 Música: Um Bom Lugar. Autor: Sabotage e Black Alien. Ano de lançamento: 2000.



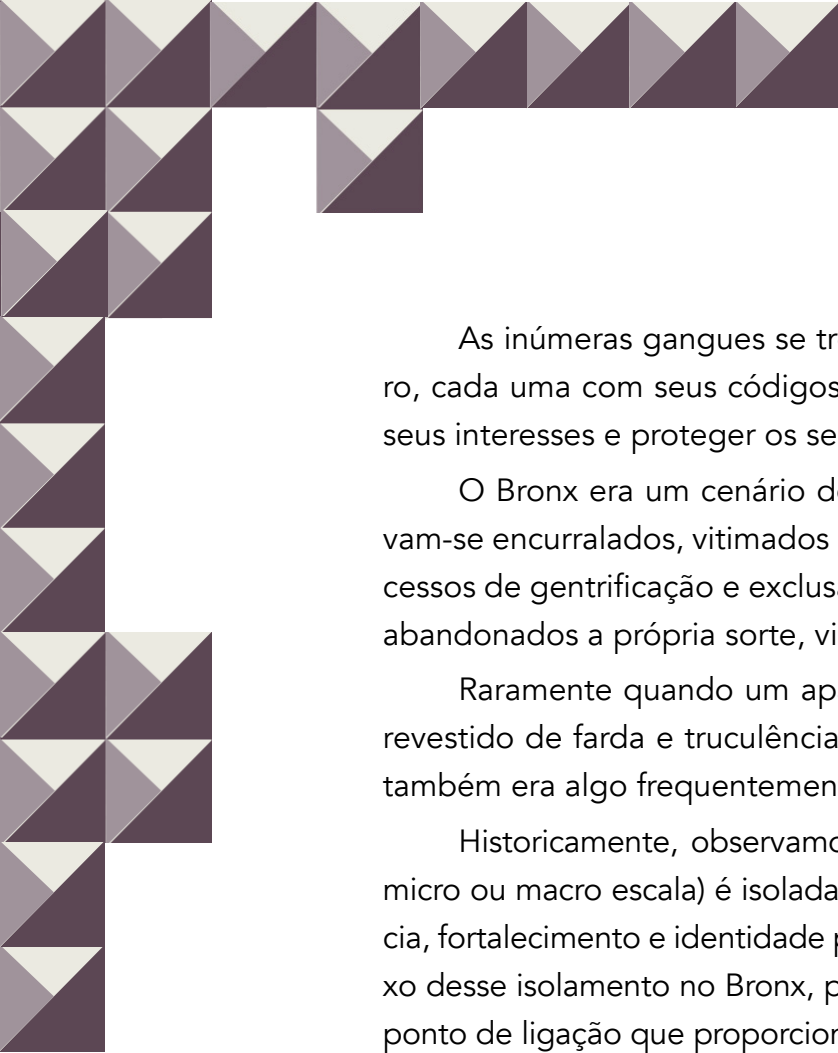
O *Hip Hop* é um movimento que deve ser entendido para muito além de uma simples manifestação artístico - musical. O *hip hop*, se constitui em um movimento contra hegemônico, artístico político, que surge no cerne da classe trabalhadora congregando poder aos excluído.

Sua origem é datada no fim da década de 1960, no bairro do Bronx, na cidade de Nova Iorque, em uma época de intensas transformações políticas e econômicas pelo qual passava os Estados Unidos da América. Período da pós-industrialização, onde as prioridades governamentais estavam voltadas para a ampliação das redes viárias nacionais, expansões das fábricas e substituição dos processos de trabalhos humanos pela sofisticação da mecanização da produção.

Essa conjuntura gerou profundas modificações socioeconômicas, com um aumento elevado do número de desemprego, levando as regiões periféricas a sofrerem os maiores e notórios impactos. O Bronx foi uma dessas áreas. O bairro constituído da maioria de sua população negra e latina, padeceu também com a construção de uma via expressa, conhecida como *CrossBroxh-Expressway*, no meio de sua área residencial, desapropriando seus moradores e desvalorizando propriedades que ali se encontravam. Esse cenário propiciou um número elevado de pessoas sem a menor infraestrutura de habitação, empregos, saúde, educação e lazer dignos. Os moradores do Bronx foram colocados à margem da sociedade Nova-iorquina, com altos índices de diferenças econômicas e sociais, discriminações raciais e violência.

Essa população periferizadas, considerada outsiders³ para o governo, sobrevivia em um ambiente desumano, sem qualidade de vida, meio a criminalidade que crescia, entre as gangues e os carteis de drogas que lutavam entre si para assumir o comando do bairro, gerando suas próprias leis.

3 Ver ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Estudo sobre violência, e exclusão social, onde Norbert Elias e John Scotson investigam os motivos que levaram um grupo estabelecer padrões de superioridade perante o outro, marginalizado.



As inúmeras gangues se tornaram referencial de autoridade do bairro, cada uma com seus códigos internos, preparadas para representar os seus interesses e proteger os seus pares, a qualquer custo.

O Bronx era um cenário de guerra, onde seus moradores encontravam-se encurralados, vitimados pelo sistema capitalista que impõe os processos de gentrificação e exclusão. Assim, os moradores do Bronx se viam abandonados a própria sorte, violentando uns aos outros.

Raramente quando um aparato do governo adentrava a região, era revestido de farda e truculência. Os casos de abusos e violência policiais também era algo frequentemente naquela localidade.

Historicamente, observamos que à medida que uma sociedade (em micro ou macro escala) é isolada, encontra estratégias próprias de resistência, fortalecimento e identidade para se manter. As gangues foram um reflexo desse isolamento no Bronx, porém, anos mais tarde, também formam o ponto de ligação que proporcionou a integração coletiva da população em um mesmo espaço, através da percepção de unidade, e da cultura.

Após anos vivendo sob clima caótico de insegurança e com a violência levando à morte um número exorbitante de jovens, foi por intermédios dessas mesmas gangues que esse cenário passa a se modificar. Segundo Vania Fialho, em seu artigo *Hip Hop: Conceito e História*:

(...) jovens organizavam festas, tocando, cantando e dançando nas ruas de Bronx. Essas festas faziam um contraponto ao contexto sangrento e começou a ser uma forma pacífica de lidar com a revolta e as dificuldades instaladas no bairro. Os jovens começaram, então, a propor que as batalhas corporais e criminosas por alimentação, tênis ou espaço para morar, fossem substituídas por batalhas artísticas. (FIALHO, p.1, s.d.).

Foi em meio à todo esse contexto político, econômico e social, que os irmãos Cindy e Clive Campbell, nascidos na Jamaica, se mudam para o bairro no final da década de 60. Ao se mudarem para o Bronx, juntamente com sua família e com poucos recursos financeiros, os irmãos começaram a realizar algumas festas no início dos anos 70, chamadas de *block parties*

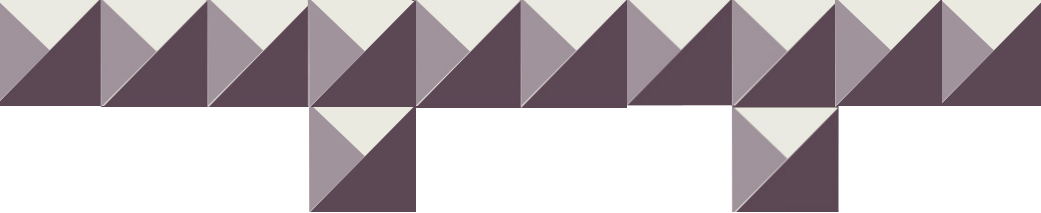
para arrecadar fundos para a compra de materiais escolares.

A rivalidade entre as gangues continuava, mas aos poucos, no interior dessas festas observava-se uma batalha não mais sanguinária, mas sim uma disputa de visibilidade e autoafirmação.

Era possível observar nas *block parties* uma estrutura musical bem distinta, com um sistema de som bem potente, baseado nos carros equipados com grandes caixas de som da Jamaica, chamado de *Sound System*, onde Clive utilizava dois toca discos para isolar a parte instrumental da música, fazendo assim, com que as batidas se repetissem inúmeras vezes, deslizando os discos para frente e para trás. Esse movimento e essa batida, que era o ponto auge da festa, quando o público mais se empolgava e começava a dançar, ficou conhecido como *Break*. Durante as batidas empolgantes das músicas eram lançados alguns versos, com rimas bem feitas por figuras que tinham a habilidade de elaborar frases, com características diversas, desde cunho político ao erótico, sem perder o ritmo.



Figura 02: Park Jam at the Patterson Houses, The Bronx, 1982. Fonte: *gitmtv* Autor: Desconhecido



tatividade da juventude marginalizada do Bronx, onde eram observadas diversas trocas.

Foi em uma das festas promovidas pelos irmãos Cindy e Clive Campbell, datada do dia 11 de agosto de 1973, que universalmente se configurou como a gênese do hip hop⁴. Ondes estavam presentes os 4 (quatro) elementos pilares da cultura *Hip Hop*, eram eles: o DJ, quem coloca o som através dos pares de toca discos; o MC, quem comanda as festas e coloca os versos nas batidas; o Breaking, os passos de danças realizados segundo as batidas e o Grafite, manifestação artística, o ato de colocar suas grafias, assinaturas nas festas e em lugares públicos das áreas periféricas de NY, como por exemplo, nas estações de trens e de metrô, muros, becos, galpões abandonados.

Uma das figuras emblemáticas nesse cenário é o DJ Afrika Bambaataa, responsável por batizar o movimento de contracultura com a nomenclatura de *Hip Hop*.

Bambaataa é considerado o padrinho e responsável por introduzir o quinto elemento ao movimento, agregando à ele uma característica ainda mais política, o conhecimento.

Segundo o mesmo: “o Conhecimento, seria responsável por esclarecer as pessoas sobre a história e a cultura do *Hip Hop*” (SOUZA, p. 28, 2015). Baseado nos dogmas da Universal Zulu Nation⁵, “o movimento Hip Hop veio para disseminar paz, amor, diversão e união” (CAZÉ & OLLIVEIRA, p.6, 2008).

Com o passar dos anos se deu a crescente complexidade do movimento, pois novos elementos foram introduzidos ao *Hip Hop*, como: *Beatboys*, reprodução dos sons das batidas dos toca fitas realizados através da boca; Linguagem de rua, composto pelas falas, gestos, símbolos que identificam os adeptos do movimento; Moda de rua, vestimentas que identificação a estética pessoal do *Hip Hop*; e o Empreendedorismo de rua, organização, a forma de negociar com a sua arte meio à realidade dos guetos.

4 Ver: <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/37403/hoje+na+historia+1973++surge+o+hip+hop+em+festa+no+bronx+em+nova+york.shtml> Acesso em : 20/09/2017

5 Ver: <http://new.zulunation.com/> Acesso em: 10/07/2017



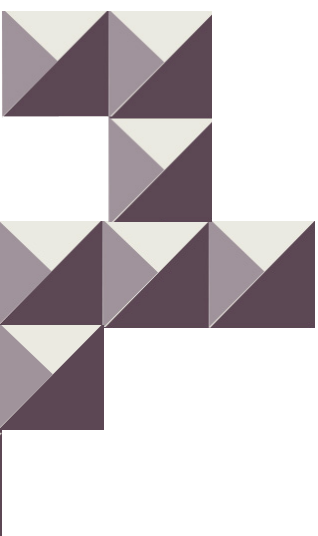
Somam-se na atualidade 9 (nove) elementos que compõem a cultura do Hip Hop.

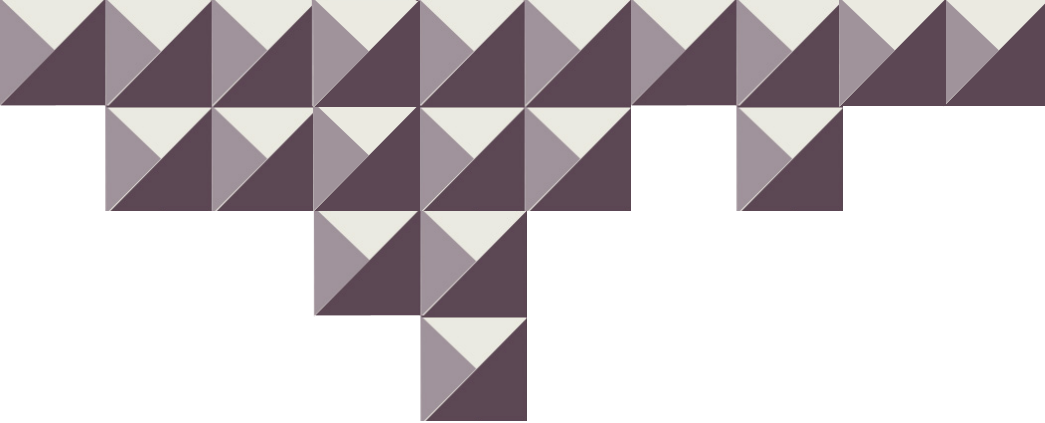
Fica evidente que o *Hip Hop* se estrutura muito além de um ritmo musical. Ele carrega consigo uma historicidade, uma memória e uma contemporaneidade advindas das camadas mais populares e oprimidas da sociedade ocidental, se considerarmos seu alcance e repercussão em muitos outros países. Dos conflitos inerentes à condição de periferização advém a revolta, a violência e a indignação as quais, no caso apresentado, se transformaram em ação, voz, luta, música, arte, conhecimento, pertencimento, abrigo identitário, etc. a favor de seus autores. A condição de 'apartheid' comum à sociedade capitalista, apoiada na separação em classes sociais, propiciou a criação de movimentos como o *Hip Hop* presente em muitas localidades do mundo, como um movimento que reflete as angústias, revoltas, anseios das juventudes das classes populares.

HIP HOP: A PONTE PARA UMA PEDAGOGIA CRÍTICA E UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Observamos na área da arte-educação que o processo de ensino/aprendizagem, assim como a própria palavra "processo" denota, estar em constante modificação. O aprimoramento dos métodos e a utilização de novos recursos pedagógicos fazem-se necessários para que, cada vez mais, tenhamos uma educação pautada na autonomia, no caráter crítico, reflexivo de quem está em busca de aprofundamento e trocas de conhecimento. Como educadores, buscamos sempre estratégias que estimulem a ludicidade, realizando uma aproximação mais prazerosa, mais acolhedora, possibilitando uma maior compreensão dos conceitos e um maior fluir nas trocas estabelecidas.

Mas como nos, educadores, podemos desenvolver esses métodos em espaços que ao longo dos séculos sempre refletiram uma lógica, uma representação hegemônica, retratando a classe dominante?





Nossa sociedade está pautada no modo de produção capitalista, onde todas as nossas relações são estabelecidas por uma intensa disputa de poder, onde a segregação, a violência, opressão e as contradições são características latentes para manter esse sistema em pleno funcionamento.

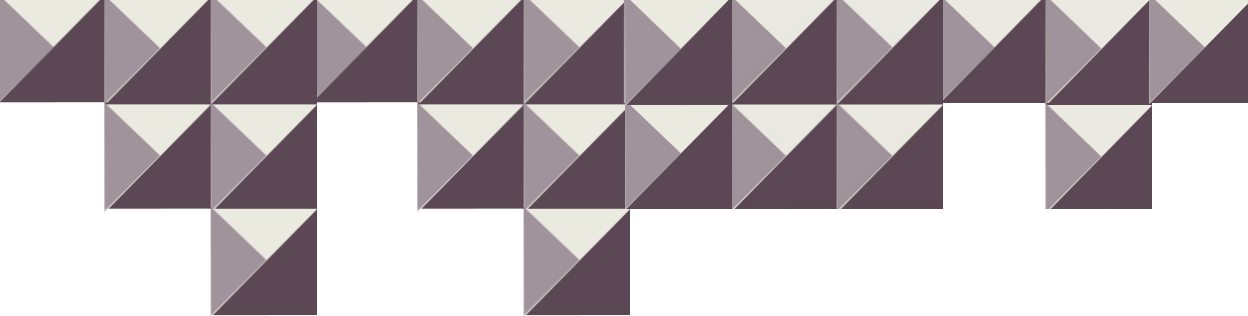
E como romper com esse regime que tanto nos assola e nos enfraquece como seres humanos?

Baseado nos estudos de Paulo Freire, acredita-se que esse rompimento é possível através dos processos educativos, formativos, que constituem a base fundamental para a extinção das classes sociais, desenvolvendo valores, conhecimentos e novas relações que visem a extinção da dominação, opressão, exploração e violência desta ordem social.

É esse rompimento só se permite possível quando é colocado, dado pelas classes oprimidas. Assim como demonstra Paulo Freire em sua obra intitulada *Pedagogia do Oprimido*:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, p. 17, 1987).

É por esse prisma que o *Hip Hop*, que traz na sua gênese as diversas lutas e contradições cotidianas, historicamente construídas e impostas pela sociedade capitalista, e se transforma em tema de uma estratégia pedagógica crítica, reflexiva, configurando-se em um movimento contra hegemônico, não somente cultural, mas também educativo. Em prol da superação das injustiças e desigualdades, oferecendo contribuição à uma formação pautada na autonomia e na ótica do oprimido, na reflexão de seus processos e na sua vida em sociedade.



Por meio da perspectiva do oprimido, toda a sociedade pode perceber os instrumentos que são pura e simplesmente objetos para imposição de um poder (coercitivo) de determinada parcela da população sobre outra.

O ser humano quando “moldado”, por padrões estabelecidos pela sociedade, é levado a esquecer de olhar e refletir sobre a sua própria existência. Dessa forma, mantém-se distante da sua consciência, seguindo as regras padronizadas, ditadas pelas normas e valores das nunca justas relações sociais. No contexto político- econômico do sistema no qual estamos inseridos, pautado pelo capital, o indivíduo passa a ter sua existência reduzida à dimensão mercadológica, de lucro e poder, onde uns passam a valer mais que outros. Tanter subverter esta lógica, observando-se e atuando como sujeito capaz de estabelecer relações para conviver em sociedade, sem subjugar e se apoderar do outro, se torna algo muito complexo. Mediante esse cenário, aliar o *Hip Hop* com as estratégias educativas dentro das instituições de educação não formais, é romper com o pensamento dogmático, opressor e dominador que baseiam esses lugares. Utilizar-se dos elementos advindos da cultura do *Hip Hop* no planejamento de suas atividades, como os recursos sonoros, visuais, corporais, plásticos, capaz de seduzir e mobilizar o visitante, daquele espaço, o fazendo enxergar naquele lugar um local de interação e trocas das experiências cotidianas.

O MUSEU E O HIP HOP:

AÇÕES EDUCATIVAS EM PROL DA EMANCIPAÇÃO

“E eles dizem que eu sou louco, ainda acredito em movimento
Mais que gravar, quero semear algo de valor pro tempo
Mas a pista é São Tomé Marecha, a pista é que é exemplo
As batalhas falavam merda, eu fiz a do conhecimento”⁶

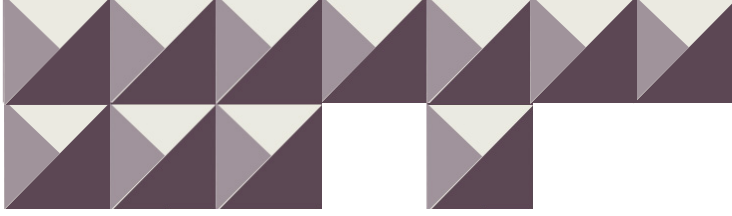
6 Música: Griot. Autor: Mc Marechal. Ano de lançamento: 2013



O *Hip Hop* no Brasil passa a desenvolver sua potência no fim da década de 1980, mais especificamente no estado de São Paulo. Essa ligação tardia entre a inserção cultural do movimento pode ter suas raízes oriundas no contexto político histórico ao qual o Brasil estava alocado, a ditadura militar, que não nos cabe dar ênfase neste artigo, porém, é fundamental ter essa noção histórica para compreender que, ao ser evidenciado culturalmente em nosso país, o elemento de maior destaque no hip hop que primeiro chamou atenção da nossa população foi o *break dance*. A dança de rua, como ficou traduzida, foi um elemento difundido midiaticamente no Brasil, “através dos jornais, documentários, revistas, comerciais de TV e filmes que propagou em massa a chegada da nova dança” (HEBREU, 2009), ditando moda a toda uma geração e lançando assim a cultura do *Hip Hop*.

O *Rap* e toda a sua contestação política e social, teve o seu início com uma inserção muito tímida, pois a visão que os veículos hegemônicos de comunicação apresentava-o, assim como aponta Ana Paula Nunes em seu artigo *A Evolução do Rap no Brasil*, na revista eletrônica *Afronte*, como algo violento, atrelado a periferia, uma visão extremamente preconceituosa. Somente na década de 1990, que as indústrias fonográficas e a mídia passam a reconhecer o *Rap* brasileiro, porém o mesmo para entrar nesse grande circuito comercial teve que se adaptar, fundindo seu ritmo com outros gêneros musicais.

Porém, paralelo a essa indústria musical, o *Hip Hop* contestador com características de denúncia e com a força de um movimento contra hegemônico também era evidenciado no Brasil. Diversos jovens da periferia se organizavam em lugares públicos onde a dança, a batida, a arte e as rimas marcavam as chamadas “batalhas” de *Hip Hop*, ou “Batalhas de Sangue” como eram conhecidas. Nessas batalhas carregavam as características das *block parties* promovidas nos anos 70 no Bronx, onde os jovens brasileiros expressavam seus modos de vida, as indignações as revoltas e a necessidade de serem ouvidos.



No Rio de Janeiro as batalhas começam a ter destaque no início dos anos 2000, como demonstra o documentário *O Som do Tempo*, de Arthur Moura e Gabriel Moreno, com o surgimento da Batalha do Real, no bairro da Lapa, em 2003. Onde os Rappers se reuniam contribuindo com a quantia de um real para participar do evento e começavam a duelar entre si, o ganhador da Batalha levava para casa a quantia arrecadada durante a noite.


Aos poucos e o evento despertou a curiosidade e ganhou amplitude na cena local do Rap no Rio de Janeiro, com o número de participantes aumentando a cada edição, fazendo com que a Lapa virasse um grande ponto de encontro da cultura do *Hip Hop* na cidade, aglutinando jovens de diversas regiões do estado.

A Batalha do Real deu origem à Liga dos MC's, composta pelos responsáveis por organizar o evento, convidando nomes já conhecidos do circuito do rap nacional para interagir com a nova geração de rappers que estava sendo criada naquele espaço. No ano de 2007, a Liga dos MC's ganhou amplitude nacional e começou a organizar as batalhas de rima improvisada em Belo Horizonte, Recife, Porto Alegre e São Paulo.

É nesse mesmo ano, 2007, que outra "Batalha" começa a ser desenvolvida, idealizada por alguns dos membros da Liga dos Mc's, surge a Batalha do Conhecimento.

A Batalha do Conhecimento é um projeto que surge em 2007, idealizado pelo Geraldinho Miranda, o MC Gerard, um dos responsáveis pelo Coletivo CIC (Centro Interativo de Circo) na Fundação Progresso, Lapa RJ, juntamente com o MC Marechal. A proposta era criar uma batalha alternativa as já existentes na localidade, onde a educação, cultura, política fossem os temas centrais.

Após anos sendo realizado na estrutura da Fundação Progresso e um período de interrupção, em 2013 o Mc Marechal inicia um diálogo com o Museu de Arte de do Rio (MAR), e sua gerência de educação, que desenvolvia as ações do programa da Escola do Olhar, chamado Arte e Cultura Visual. Estabelecendo-se assim uma parceria que possibilitou o retorno da Batalha do Conhecimento em 2014, em uma nova casa, sem perder o caráter contestador e educativo, compondo a arte, o entreteni-



mento e a denúncia, atraindo cerca de 1.500 jovens a Zona Portuária do Rio de Janeiro, em sua primeira edição.

A metodologia implementada para a execução do evento se dava de forma conjunta entre a equipe do educativo do museu e a produção da Batalha do Conhecimento. Nos dias que eram organizados as batalhas, o MAR tinha entrada gratuita e uma das mostras do museu ficava aberta após o horário corrente do pavilhão de exposição. Assim, antes das batalhas ocorria o “Conheça o MAR”, visita mediada por um educador, cujas questões geradoras ou tema da exposição transformavam-se em elementos de composição das rimas, juntamente com as palavras escolhidas aleatoriamente pelo público que frequentava o pilotis do museu colocadas em um flip chart.

Durante os dois anos consecutivos que a Batalha do Conhecimento residiu no MAR, nos dias que ocorriam o evento, era visivelmente perceptível a mudança do público que frequentava o espaço. Em sua maioria jovens, oriundos de diversas partes do estado do Rio de Janeiro, e de outros estados da região sudestes⁷. “Parte desse público nunca esteve em um museu. Está em nosso DNA querer atrair as pessoas de comunidade, que não frequentam este espaço”, explicou Carlos Gradim, diretor do MAR. “Às vezes, eles não se sentem pertencentes a este espaço, que é deles”.

Aline Pereira, produtora do evento aponta que “Inicialmente, nos movimentamos para quebrar o paradigma de que o museu é um espaço intimidador, e nessa interseção da rua com o museu, buscamos mexer com a afetividade (do diretor do MAR aos profissionais terceirizados). Assim, foi possível acompanhar a evolução do relacionamento entre o público da BDC e o público do MAR, e isso foi como desconstruir um muro. O educativo e a produção do MAR foram fundamentais, junto com o time da VVAR e parceiros, num clima de respeito ao trabalho de educação, arte e entretenimento que estava sendo realizado”.

Foram realizadas onze edições em 2014 do evento no museu, e cinco edições em 2015, incluindo uma batalha nacional.

7 Grifo do autor. Baseado em minhas experiências como educadora em um dos projetos do Porto Maravilha, onde dialogava com os visitantes do MAR no dia que ocorria o evento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de dominação cultural é estruturalmente amparado pelo conjunto das relações sociais desiguais ao qual constitui a nossa sociedade. Como já apontamos anteriormente, vivemos em uma sociedade cuja suas bases residem no acúmulo do capital, onde a disputa de poder e o jogo de dominação constituem um dos alicerces fundamentais para a sua perpetuação.

Para sobreviver, modelo de produção capitalista, é preciso estar alicerçado em estratégias que legitimem a sua vigência. E um dos agentes fundamentais para a manutenção deste sistema é o Estado.

Assim como aponta a teoria marxista, e em particular o pensador italiano Antônio Gramsci:

O Estado é certamente concebido como organismo próprio de um grupo, destinado a criar as condições favoráveis à expansão máxima desse grupo, mas este desenvolvimento e esta expansão são concebidos e apresentados como a força motriz de uma expansão universal (GRAMSCI, p. 41, 2007).

O Estado se torna responsável por um conjunto de aparatos que legitimam e perpetuam a sociedade capitalista burguesa. Criando estratégias através de aparelhos ideológicos que possibilitam que toda uma sociedade tome como interesse universal o na verdade corresponde ao interesse de determinados grupos, processo esse denominado de hegemonia.

Alocados dentro desses “aparelhos ideológicos” estão dentre outros, os veículos de comunicação, o exército, a igreja, assim como as instituições de ensino.

O Museu enquanto uma instituição de ensino pautada por uma ideologia capitalista, se apresenta como um espaço representativo da cultura dominante, elitizada e segregadora da cultura proletária. Ao inserir o *Hip Hop*, movimento cultural que pelo seu contexto de nascimento e perpetuação histórica está ancorado no interior das classes populares, para dentro da sua programação educativa, o Museu de Arte do Rio, rompe com essa lógica hegemônica dominante.

A Batalha do Conhecimento passa a duelar, afrontar o status quo e resignificar aquela instituição. Se apresentando como um viés educativo contra hegemônico no processo de ensino e aprendizagem no interior do MAR. Levando um público periférico, que antes não frequentava aquele espaço, introduzindo diálogos dos mais variados temas dentro da perspectiva do oprimido, não somente com os visitantes, mas também com os funcionários daquela equipe. Contribuindo assim para um processo de emancipação da educação através de um dos seus elementos base de enorme relevância, o conhecimento.



Figura 03: Batalha do Conhecimento no MAR 1ª edição da Temporada 2014 acesso em: 31/07/2017

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIALHO, V. M. **HIP HOP: Conceito e História**. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Fialho-Hip_Hop acesso em: 31/07/2017

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

ELIAS, N. ; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**. Educação e Realidade. P. 169- 178 jul/dez, 2002.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere, vol. 3** (C. N. Coutinho, M. A. Nogueira, & L. S. Henriques, Eds.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

O Som do Tempo. Direção e Produção: Arthur Moura e Gabriel Moreno. 202 Produções. 2017

SAVIANI, Dermeval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, jan./abr. 2007.

SOUZA, J. R. Movimento Hip Hop: movimento, modismo e mercado. Faculdade Federal Fluminense, Revista Ensaio, 2015.

Clipping: **Rap promove Batalha do Conhecimento** Jornal Estadão - 2014 acesso em: 31/07/2017

CLAVE | **Batalha do Conhecimento**

Prisma (Plataforma de Educação) acesso em: 31/07/2017

História do Hip Hop no Brasil <http://nacao-hiphop.blogspot.com.br/2009/05/historia-do-hip-hop-no-brasil.html> acesso em: 31/07/2017

A Evolução do Rap no Brasil <http://www.afronte.com.br/evolucao-do-rap-no-brasil/> acesso em: 31/07/2017. Bdc 1 edição – Sant.

Batalha do Conhecimento no MAR 1^a edição da Temporada 2014 acesso em: 31/07/2017

